

## A ideologia da mestiçagem nas telenovelas brasileiras<sup>1</sup>

Wesley Pereira GRIJÓ<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

### Resumo

A partir da noção da ideologia da mestiçagem difundida na sociedade brasileira, o objetivo do artigo é analisar como as telenovelas utilizam essa perspectiva em suas narrativas para retratar a questão étnico-racial no país, tendo como objeto empírico as produções da Rede Globo: *Corpo a Corpo* (1984), *Anjo Mau* (1997), *Da Cor do Pecado* (2004), *Duas Caras* (2008) e *Viver a Vida* (2010). O estudo é de abordagem qualitativa, com a coleta de dados direcionada pela pesquisa: bibliográfica, exploratória e documental. A análise e interpretação das informações é conduzida a partir da incidência de relacionamentos inter-raciais nas narrativas, apontando como o discurso hegemônico apaziguador dos conflitos étnico-raciais no país aparecem nas produções observadas.

**Palavras-chave:** telenovela brasileira; relações étnico-raciais; mestiçagem.

### Introdução

No final do século XIX, o quadro do pintor espanhol Modesto Brocos, *A Redenção de Cam* (1895), materializou o pensamento de uma parcela das elites brancas brasileiras sobre a questão da miscigenação racial no país, ou seja, estaríamos caminhando progressivamente para o país de mulatos até nos tornarmos uma nação fenotipicamente branca, assim como são as europeias. Expressando o racismo das elites da época à presença negra na formação do povo brasileiro, o quadro buscava no texto bíblico a referenciar para a difusão das teóricas eugênicas num país ingressava na República e buscava uma identidade nacional.

No século XXI, consideramos que são as imagens e narrativas televisivas que apresentam os resquícios desse pensamento de exaltação do mestiço em detrimento invisibilidade dos caracteres da negritude na sociedade. No caso deste estudo, abordamos a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação e Informação pela UFRGS. Professor adjunto da UFSM/Campus Frederico Westphalen. Coordenador do Núcleo de Audiovisual, Imagens técnicas e Práticas socioculturais (CNPq/UFSM), integrante do Obitel (UFRGS), email: wgrijo@yahoo.com.br.

problemática a partir das narrativas das telenovelas brasileiras, visto que estão cotidianamente presentes nos lares dos telespectadores brasileiros promovendo um discurso consensual de que os conflitos étnico-raciais do país seriam amenizados a partir casamentos entre negros e brancos e que os filhos dessas uniões formariam uma sociedade livre de preconceitos, uma vez que estes carregariam características da negritude e da branquitude.

Nas telenovelas brasileiras, o personagem mestiço aparece na adaptação da obra *A Escrava Isaura*<sup>3</sup>, em que a protagonista homônima da narrativa tem como conflito o fato de ser fenotipicamente branca, mas ser filha de uma negra escravizada com um homem branco e, por isso, não ser considerada como legítima mulher branca, sendo vítima de todas as atrocidades que as escravas passavam naquele período devido à sua origem e ao pensamento escravista que imperava. A literatura brasileira apresenta ainda outra personagem similar, no caso, Raimundo, protagonista do romance *O Mulato*<sup>4</sup>, que ao regressar da Europa para o Brasil do fim do século XIX não compreende os preconceitos que era vítima devido sua origem mestiça.

Nos tempos atuais, a situação dos afrodescendentes possui outra configuração no Brasil, diferentemente do que a literatura ilustrava em outro século. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010)<sup>5</sup>, pretos e pardos representam a maioria do contingente populacional, atingindo mais de 97 milhões de pessoas. Em números mais gerais, dos mais 191 milhões de brasileiros, 91 milhões declararam-se serem brancos, 15 milhões disseram-se pretos, 82 milhões pardos, dois milhões amarelos e 817 mil indígenas.

Entretanto, culturalmente ainda temos resquícios do pensamento racial difundido na sociedade no fim do século XIX. Assim, a partir da noção da ideologia da mestiçagem difundida na sociedade brasileira, o objetivo do artigo é analisar como as telenovelas utilizam essa perspectiva em suas narrativas para retratar a questão étnico-racial no país, tendo como objeto de observação algumas produções da Rede Globo das décadas de 1980, 1990, 2000 e 2010. A discussão é subsidiada pela contribuição dos estudos antropológicos e sociológicos que indicam que, na construção da narrativa da nação brasileira, o processo de formação do país foi apoiado numa brasilidade mestiça, alicerçada no que Freyre (1977)<sup>6</sup> denomina “democracia racial”. Mesmo sendo questionado ao longo das décadas por autores

---

<sup>3</sup> Romance de Bernardo Guimarães publicado em 1875, com versões televisivas produzidas pela Rede Globo em 1976 e pela Rede Record em 2004.

<sup>4</sup> Romance de Aluísio Azevedo publicado em 1881.

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados>>. Acesso em 05 abr. 2016.

<sup>6</sup> Obra original data do ano de 1933.

como Fernandes (1965), Schwarcz (1996), Munanga (1996), esse pensamento hegemônico foi sedimentado na sociedade, criando a ideia de que, no Brasil, a integração dos grupos étnicos foi realizada a partir de perspectiva cultural assimilacionista e politicamente integradora, atrelada à miscigenação dos grupos étnico-raciais, como forma de diminuir a presença negra na formação do brasileiro.

Além dos estudos sociológicos e antropológicos sobre a ideologia da mestiçagem, o marco teórico da pesquisa é alicerçado ainda pelos trabalhos sobre as relações étnico-raciais no contexto brasileiros trazidos para dialogar com a contribuição das pesquisas brasileiras sobre produção e consumo de telenovelas como forma de exemplificar como o entretenimento televisivo assimila esse tipo de ideologia em suas narrativas.

Metodologicamente, o estudo é de abordagem qualitativa (FLICK, 2004), com a coleta de dados direcionada pela pesquisa: bibliográfica (LIMA; MIOTO, 2007), exploratória (ISER, 2006) e documental (GIL, 2008), esta última complementada pela assistência de capítulos das telenovelas em sites de compartilhamentos de vídeos e da leitura das sinopses disponibilizadas pela emissora em seu site institucional<sup>7</sup>. A observação panorâmica possibilitada pela pesquisa exploratória, no segundo semestre de 2015, resultou em uma amostra não-probabilística de alguns casos pontuais em que a perspectiva da ideologia da mestiçagem materializava-se a partir dos relacionamentos inter-raciais<sup>8</sup>. Posteriormente, as informações foram analisadas de forma crítica e reflexiva sob inspiração dos procedimentos proposto por Gil (1999) para análise de dados qualitativos executados de forma concomitante: a) estabelecimento de categorias; b) avaliação das generalizações obtidas com os dados; c) inferência de relações causais; e d) interpretação dos dados.

### **O contexto da mestiçagem sociedade brasileira**

A discussão emergida a partir do quadro a *Redenção de Cam* representa o questionamento presente em parte da intelectualidade brasileiro no final do século XIX e início de século XX, ou seja, até que ponto poderíamos crescer como nação desenvolvida fora da Europa tendo como base da estrutura social grupos descendentes de ex-escravos, povos indígenas, imigrantes europeus de origens diversas que, ao se relacionarem, resultavam em sujeitos mestiços de diferentes tons, sem as características preconceituosamente apregoadas como “boas” por alguns intelectuais daquele período (COSTA, 2001). Um exemplo clássico é a atuação do médico Nina Rodrigues que, baseado

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

<sup>8</sup> *Corpo a Corpo* (1984), *Anjo Mau* (1997), *Da Cor do Pecado* (2004), *Dois Caras* (2008) e *Viver a Vida* (2010).

nas teses eugenistas e nos métodos dominantes da questão racial vindos da Europa, condenava o cruzamento entre grupos étnicos distintos, pois considerava um fator de degradação de uma futura “raça brasileira”. Outros críticos dos cruzamentos inter-raciais no Brasil, como Silvio Romero e Oliveira Viana, percebiam que esses cruzamentos “melhorariam” geneticamente a população brasileira, pois acreditavam que com o passar do tempo haveria o progressivo branqueamento da sociedade e a dominância das características fenotípicas europeias.

As ascensão do brasileiro mestiço como algo “positivo” para a constituição social brasileira foi maior difundida com a obra *Casa-grande & Senzala*, de 1933, em que Gilberto Freyre (1977) acena para uma brasilidade mestiça a partir de um processo de constituição nacional que não convergia com a ideia de base racial homogênea. Diante da contribuição de Freyre para os estudos sobre a sociedade brasileira, o “mito da democracia racial” ganhou adesão entre o pensamento nacional. Segundo a lógica desse mito, as relações étnico-raciais brasileiras são mais humanas e cordiais do que as encontradas em outros países, como nos Estados Unidos ou na África do Sul. Além disso, a figura do mulato (mestiço) é central nessa sociedade e reforça a ideia de que não existe preconceito de cunho racial no Brasil.

A exaltação da mestiçagem como fator de unicidade da sociedade tem sua gênese no século XIX com disseminação no imaginário da população de um inevitável processo de branqueamento dos grupos sociais legitimado pelas teorias eugenistas que emergiam naquele momento e deixariam marcas posteriores no pensamento coletivo. Esse contexto de branqueamento do país é apontado por Acevedo, Nohara e Ramuski (2010) através de duas dimensões, conforme a literatura especializada: o processo físico (biológico) de clareamento da população e a interiorização dos modelos culturais brancos pelos negros, implicando a perda das características africanas.

Dentre as formas de branquear a população brasileira, a mais conhecida foi a adoção da política de imigração europeia sob o argumento de que essa seria a solução para a falta de mão de obra decorrida da abolição do trabalho escravo. Ao historicizar esse contexto, Bento (2003) lembra que os defensores da políticas eugenistas especulavam que o Brasil seria um país branco em, no máximo, 200 anos, sendo o mulato (mestiço) um sujeito transitório antes da hegemonia do fenótipo branco. Esse pensamento racista difundido entre uma parcela da sociedade concebia uma superioridade branca em detrimento de uma inferioridade de outros grupos étnico-raciais como negros e indígenas, a tal ponto que essas

peças descartavam a possibilidade que o processo de mestiçagem enegreceria a população brasileira.

Assim, para a materialização de uma sociedade em conformidade com o pensamento eugenista era necessário incutir essa ideologia de forma consensual no debate social da época como forma de efetivar o branqueamento populacional. Segundo essa ideologia do branqueamento, o preconceito internalizado dos próprios mestiços faria com que estes escolhessem seus cônjuges com fenótipo mais claro. Bento (2003) aponta ainda que esse pensamento forjado pelas elites brancas considerava que o negro era descontente de seus traços raciais e, por isso, almejava aproximar-se do branco ao miscigenar-se, atenuando assim suas características étnico-raciais com intuito de obter privilégios da elite branca. Toda essa relação de negação da negritude fez com que as pessoas graduassem suas características fenotípicas por meio das representações negativas disseminadas pelos brancos, principalmente, no que concerne a valores, comportamentos e aspectos estéticos. Assim, ao passo que desprezava-se a estética e a cosmovisão negra, supervalorizava-se qualquer similaridade relativa ao fenótipo branco.

Diferente do que ocorre em outros países com grande diversidade étnica, no Brasil, Munanga (1996) considera que raça é uma questão de marca, e não de origem. Ou seja, nas relações étnico-raciais brasileiras o fenótipo dos sujeitos que estabelecem o grau de discriminação ao qual estarão sujeitos. Nesse sentido Schwarcz (2001, p. 68) acrescenta que “a resultante dessa indeterminação nas distinções raciais faz com que o fenótipo, ou melhor, certos traços físicos, como o formato da cabeça, o tipo de cabelo e a coloração de pele, se transformem nas principais variáveis de discriminação”. Diante disso, podemos indicar que nessas relações a visualidade do que as pessoas aparentam ser vão corroborar para que sejam consideradas de uma etnia específica. Nessa linha de raciocínio, Silva (2001, p.130) considera que “é a partir de imagens visuais ou da visualização de imagens que se criam as imagens mentais, que por sua vez podem originar uma série de equívocos (estereótipos) que dão forma e conteúdo à mentalidade de uma cultura”.

Já Costa (2001) aponta que a nação brasileira também tem o seu processo de construção narrativa no que concerne a sua dimensão ideológica. Nesse sentido, uma leitura nos clássicos dos estudos antropológicos e sociológicos brasileiros revelam que o período que vai aproximadamente dos anos 1930 até os anos 1970 é marcado no Brasil pela chamada ideologia da mestiçagem. Contudo, nos estudos acadêmicos posteriores esta ideologia vai, por diversos motivos, perdendo paulatinamente sua força integradora, mas

ainda assim presente no imaginário da sociedade pós-colonial como é caso da brasileira e vai se evidenciar, mesmo que discretamente, nos produtos da indústria cultural, a qual as narrativas das telenovelas fazem parte.

### **Telenovelas e relações étnico-raciais**

Segundo o IBGE, em 2000<sup>9</sup>, 87,9% dos domicílios brasileiros possuíam aparelho de rádio, contra 87,2% de televisores e 83,4% de geladeiras. Em 2011<sup>10</sup>, os dados apontam que os aparelhos de TV estão presentes em 96,9% das residências, as geladeiras subiram para 95,8%. Ou seja, na projeção do instituto de pesquisa há mais televisores do que geladeiras nas residências do país, o que já revela a importância dessa mídia e de seus produtos no cotidiano dos brasileiros. A *Pesquisa brasileira de mídia 2015*<sup>11</sup> (BRASIL, 2014) aponta ainda que as pessoas assistem à televisão, em média, 4h31 por dia, de 2<sup>a</sup> a 6<sup>a</sup>-feira, e 4h14 nos finais de semana, sendo que a maior parte delas consome todos os dias da semana (73%).

Entre os produtos de maior audiência das redes de televisão no país estão as telenovelas, cujo formato foi introduzido praticamente no mesmo período de implantação desta mídia no Brasil, em 1951. De acordo com Lopes (2010), a estabilização da telenovela como o gênero mais popular e lucrativo da televisão está ligada a uma mudança de linguagem realizada pelos produtores a partir do trabalho acumulado no rádio e no cinema. Ao sintetizar a lógica das telenovelas, ela aponta que as tramas são em geral movidas por oposições entre homens e mulheres; entre gerações; entre classes sociais; entre localidades rurais e urbanas, “arcaicas” e “modernas”; por recursos dramáticos como: falsas identidades, trocas de filhos, pais desconhecidos, heranças inesperadas e ascensão social através do amor etc. são temas recorrentes nas histórias.

Entretanto, mesmo sendo um produto de entretenimento, as telenovelas integram em suas narrativas matizes da cultura brasileira, evidenciando, por exemplo, contradições relativas às relações étnico-raciais sedimentadas ao longo da formação sócio-histórica do país. Diante do cenário étnico-racial brasileiro em que persistem as ideias de ideologia da mestiçagem e democracia racial, articulamos um diálogo entre essas perspectivas com as

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/default.shtm>>. Acesso em: 05 de abril de 2016.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000010135709212012572220530659.pdf>>. Acesso em: 05 de abril de 2016.

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>. Acesso em: 06 de abril de 2016.

contribuições no campo da comunicação no que concerne ao “racismo midiático” (SODRÉ, 1999) e suas aplicabilidades empíricas presentes nos estudos de Araújo (2004) e Grijó e Sousa (2012) sobre a representação e presença de personagens afrodescendentes nas telenovelas.

Em síntese, as pesquisas sobre a representação de afrodescendentes na mídia apontam uma tendência de branqueamento dos personagens de grupos étnico-raciais não-hegemônicos, o que se materializa nas imagens desses sujeitos com fenótipos brancos, estereotipados ou pouco diversificados. Araújo (2004) aponta vários tipos de estereótipos recorrentes nas produções televisivas: a mãe negra, o serviçal bonzinho, a negrinha infantilizada, o anjo da guarda, o negrinho endiabrado, o amigo do herói branco, o negro de alma branca, o malandro carioca, entre outros. No que concerne às narrativas cinematográficas, Rodrigues (2001) apresenta vários outros estereótipos, como: o escravo, o preto velho, o mártir, o nobre selvagem, o negro revoltado e o crioulo doido. Cabe destacar que, em ambos os estudos, os estereótipos da negritude são forjados por traços de sensualidade, erotismo, criminalidade e feiura.

Nesse sentido, consideramos que as narrativas televisivas dão visibilidade a certos assuntos, comportamentos, produtos e excluem outros; por exemplo, durante o período de 1960 e 1980, a telenovela se estruturou em torno de representações que propunham uma matriz imaginária capaz de sintetizar a sociedade brasileira em seu movimento “modernizador” e colocando como arcaico qualquer outra forma de sociedade que não convergisse com esse pensamento. (LOPES, 2010)

Essa questão é essencial para compreender as representações feitas pelos meios de comunicação, visto que eles não são o espaço da narrativa do real, mas de um simulacro do real. Ainda sobre essa questão, é importante frisarmos que a televisão - assim com o cinema - atua a partir das chamadas políticas de visibilidade (THOMPSON, 2008), com capacidade de dar reconhecimento e legitimidade aos diferentes atores sociais, não ficando os grupos subalternos fora desse processo. Dessa forma, concordamos com Mendonça (2008), quando afirma que essas políticas de visibilidade podem ser identificadas também como políticas de invisibilidade, pois os modos de produção, distribuição e circulação dos produtos audiovisuais “educam” os sentidos da audiência, que geralmente exclui outras formas de representações.

No Brasil, onde a televisão se difundiu como maior meio de comunicação de massa, as narrativas televisivas apresentaram um significativo papel na formação da identidade

nacional do povo brasileiro e de uma “narrativa sobre a nação” (LOPES, 2003). Segundo Ortiz, Borelli e Ramos (1989), a consolidação da televisão brasileira se associou à ideia de seu desenvolvimento como veículo de integração nacional; vinculou-se, desta forma, à proposta de construção da moderna sociedade ao crescimento e à unificação dos mercados locais. Tal questão perpassou também as formas de representação que as telenovelas apresentavam a sua audiência, o que no contexto brasileiro significa milhões de pessoas, na maioria das vezes privadas de ter acesso a outros bens culturais, sendo a televisão a principal forma de cultura, entretenimento e lazer das famílias.

Nesse sentido, Martín-Barbero (2000) coloca a televisão como um espaço estratégico para a produção das imagens que os povos fazem de si mesmos e com as que querem fazer-se reconhecer pelos demais. Dessa forma, essa mídia pode ser considerada um celeiro de produções que representariam o seu próprio povo, isso não significa que tal representação possa ser fidedigna, pois podem ser vistas com dois objetivos: quebrar ou reforçar os estereótipos. As narrativas das telenovelas brasileiras, por exemplo, nas últimas duas décadas, têm dado relativo destaque às questões - e às representações - das classes populares, conforme já evidenciou Maria Carmem Jacob de Sousa (2004) ao estudar a representação do popular na telenovela *Renascença* (1993).

Contudo, a emergência das camadas populares como maioria dos integrantes das classes consumidoras de bens duráveis na década de 1990, com a estabilidade financeira advinda do Plano Real<sup>12</sup>, esses brasileiros puderam adquirir mais televisores e, conseqüentemente, se tornaram audiência potencial das telenovelas. A partir desse contexto, as classes populares passam a ser uma demanda de audiência que as emissoras viram-se obrigadas a contemplar de alguma forma nas narrativas e nos programas de entretenimento. Diante deste cenário, como aponta Hamburguer (2005), o leque de representações disponíveis na televisão sobre os grupos subalternos se diversificou, não ficando restrito às telenovelas.

É neste contexto que, na primeira década deste século, as telenovelas da Rede Globo, exibiram com maior frequência temas sobre as camadas populares da sociedade brasileira. Algumas produções, diferentemente do que ocorreu nas telenovelas em anos anteriores, abordaram temáticas sobre os grupos subalternos que contradizem o estereótipo que reduzia o universo das camadas populares à violência, à pobreza e às drogas. Assim, o público passou a ter contato com personagens mais humanizados, mostrando que, além da

---

<sup>12</sup> Plano Real foi um programa brasileiro com o objetivo de estabilização e reformas econômicas, iniciado em 27 de fevereiro de 1994.



violência, naquele contexto há pessoas comuns que sonham, trabalham e se divertem, como forma de criar alguma identificação com a maioria da audiência daqueles produtos televisivos que já não poderia ser apenas *voyeur* do cotidiano das elites. Entretanto, com todos esses possíveis avanços em relação às representações feitas em outros tempos pelas telenovelas, é necessário problematizar o âmbito da produção, enquanto instituição social, que atende às relações de poder e interesses comerciais, mas que pode ser, ao mesmo tempo, fonte do imaginário e cenário de traços da cultura e identidade subalterna.

Dentre essas novas emergências de representação nas narrativas televisivas, houve a crescente presença de personagens fenotipicamente negros nessas produções, o que suscita as discussões sobre a imagem dos afrodescendentes nas telenovelas e, por consequência, tensiona as relações étnico-raciais brasileiras (GRIJÓ; SOUSA, 2012). Ao refletir sobre a questão dos afrodescendentes no contexto étnico-racial brasileiro, Schawrcz (1998) conclui que, no país, há duas imagens opostas nesse quesito: de um lado, o modelo da democracia racial; de outro, a lembrança de um país de larga e arraigada experiência escravocrata. Segundo a pesquisadora, para o cenário brasileiro, não basta afirmar que tal questão deve-se a um problema de ordem econômica, mas também não se reduz a uma questão cultural. Por conta disso, a maioria da população negra se vê excluída e subalternizada dentro da “modernização” da sociedade brasileira, fruto de um “racismo violento que se manifesta na ação invisível e naturalizada do cotidiano” (SCHAWRCZ, 1998, p. 177).

Esse contexto traçado por Schawrcz também pode ser transposto para os produtos audiovisuais, principalmente para as produções televisivas, haja vista o Brasil ser possuidor de um dos maiores mercados consumidores de televisão no mundo, sendo a teleficção seriada o produto de maior difusão interna – e de grande exportação para outros países –, representada pelas telenovelas e pelos seriados. E, dentro desse mercado consumidor de telenovelas, há uma diversidade de etnias e culturas que constituem a população brasileira e que, muitas vezes, não se vê representada de modo como gostaria nessas produções, sendo suas imagens televisionadas a partir de repertórios hegemônicos e consensuais. Nesse âmbito, Woodward (2008) considera que as narrativas televisivas podem construir novas identidades e fornecer imagens com as quais a audiência pode se identificar e que podem ser apropriadas (ou não) pelo público. Na mesma perspectiva, Kellner (2001), acrescenta que a mídia oferece a base sobre a qual as pessoas constroem seu senso de classe, de raça e etnia, de nacionalidade, de sexualidade; com isso, ajuda na construção das identidades e na determinação do que seja o “outro”.

Dessa forma, partindo dos estudos críticos à ideologia da mestiçagem e à ideia de democracia racial, dialogamos essa realidade brasileira a partir das narrativas das telenovelas produzidas pela Rede Globo. As relações entre étnico-raciais estiveram presentes na trajetória da telenovela brasileira, principalmente, quando do momento em que ela toma a configuração de indústria de entretenimento. A questão da mestiçagem esteve presente em várias produções como podemos destacar a adaptação de *A Escrava Isaura* (1976 e 2004), com a personagem protagonista mestiça e o polêmico relacionamento inter-racial entre uma negra e um branco em *Corpo a Corpo* (1984), entretanto podemos destacar outras produções com essa temática presente na narrativa: *Fera Ferida* (1993), *A Próxima Vítima* (1995), *A Indomada* (1996), *Anjo Mau* (1997), *Por Amor* (1997), *Suave Veneno* (1999), *Laços de Família* (2000), *Porto dos Milagres* (2001), *Celebridade* (2003), *Da Cor do Pecado* (2004), *O profeta* (2006), *Duas Caras* (2008), *Viver a Vida* (2010) e *Lado a Lado* (2013). (MAIOR, 2006)

### **Relacionamentos inter-raciais**

Ao assistirmos aos capítulos selecionados das telenovelas acima mencionadas e termos acesso às sinopses disponibilizadas pela emissora, verificamos uma incidência de relacionamentos inter-raciais nas tramas que apresentavam afrodescendentes entre os personagens de destaque. Nesse sentido, buscamos subsídios teóricos no estudo de Moutinho (2004) sobre relacionamentos afetivos inter-raciais como forma produzir um diálogo com a narrativa ficcional. A autora apresenta baseada em dados estatísticos que, no Brasil, apesar da representação clássica de mestiçagem construída em torno da mulher negra ou mulata, o padrão mais comum de relacionamentos inter-raciais é aquele composto por homens de fenótipo mais escuro com mulheres mais claras. Além disso, Moutinho aponta ainda que nesse relação étnico-racial há uma articulação com as relações de gênero: a mulher de fenótipo negro está mais vinculada às questões sexuais, enquanto aquela de tom de pele mais claro possui maior atração para vínculo de um parentesco formal, não tendo a mesma erotização atribuída à mulher de origem negra. Nas telenovelas brasileiras essa problemática apontada pela pesquisadora acima citada é abordada dentro dessa lógica mas de contornos variados uma vez que foram produzidas, exibidas e consumidas em momentos diferentes da sociedade conforme evidenciamos nas narrativas de: *Corpo a Corpo* (1984), *Anjo Mau* (1997), *Da Cor do Pecado* (2004), *Duas Caras* (2008) e *Viver a Vida* (2010).

Em *Corpo a Corpo*, telenovela escrita por Gilberto Braga para o horário das 20h, o relacionamento inter-racial entre o branco Cláudio Dantas e a negra Sônia Rangel ganhou repercussão negativa perante a audiência levando o autor a modificar os rumos da trama. No geral, a telenovela abordava a busca pela ascensão social, vingança, ou seja, temáticas características do folhetim clássico, mas inovou ao introduzir a discussão sobre o racismo. A história urbana, contemporânea e ambientada na cidade do Rio de Janeiro, tinha como protagonista Eloá (Débora Duarte), mulher envolvente e ambiciosa, sempre em busca de projeção social e profissional e Osmar (Antonio Fagundes), homem sem grandes ambições, casado com Eloá há 16 anos. Ambos trabalhavam na mesma empresa de engenharia e desse convívio profissional surgiram conflitos no relacionamento.

Nesta telenovela, a ideologia da mestiçagem materializava-se no relacionamento inter-racial entre Cláudio e Sônia, o que no começo da trama acenava para um apaziguamento no final feliz do casal, contudo a postura da audiência da década de 1980 que não apoiava tal relação fez com que o autor se valesse da lógica da “obra aberta” e modificasse os rumos dos personagens. Entretanto, não podemos deixar de frisar a inovação de Gilberto Braga na abordagem da discussão sobre o racismo na sociedade brasileira através da família de Antônio (Waldir Onofre) e Jurema (Ruth de Souza), negros pertencentes à classe média do Rio de Janeiro. Eles eram pais de Sônia (Zezé Motta), uma jovem arquiteta negra que começou a namorar Cláudio (Marcos Paulo), de origem branca e filho do rico empresário Alfredo Fraga Dantas (Hugo Carvana).

A relação do casal era vista como ruim pelos pais do Cláudio que passaram a discriminar a nora. A relação entre uma mulher negra e um homem branco que serviria para referendar um discurso apaziguador da Rede Globo, casou um efeito contrário na audiência, cujo alguns membros tinham uma leitura negativa daquele relacionamento, visto que tratava-se um dos galãs emergentes naquele momento e parte dos telespectadores não aceitava que este se relaciona na ficção com uma pessoa negra, apesar de ser uma das principais atrizes do cinema e teatro do país, sendo inclusive vítima de violência verbal devido à personagem<sup>13</sup>. A emissora nunca divulgou informação oficial sobre as mudanças na história devido às pressões do público, contudo o casal chegou a ficar separado sendo justificado na narrativa como consequência do racismo que a família de Cláudio impunha à Sônia.

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/zeze-motta-lembra-ataque-racista-quando-fez-par-romantico-com-marcos-paulo-na-tv-03112015>>. Acesso em: 15 de jul. 2016.

Apesar da reação negativa de parte do público, o casal teve seu *happy end* após o pai do rapaz sofrer um acidente grave necessitar de transfusão de sangue, sendo que a única doadora possível era Sônia, pois se tratava de um tipo sanguíneo raro. Assim, no fim imperou o discurso de apaziguamento dos conflitos étnico-raciais com a união entre o branco e negra sob as bênçãos das famílias de ambos o que diluiu qualquer forma de preconceito outrora existente.

Outro exemplo de relacionamento inter-racial em que a perspectiva de ideologia da mestiçagem esteve presente como forma de sedimentar a ideia de democracia racial na audiência televisiva apareceu no remake da telenovela *Anjo Mau*<sup>14</sup>. Na versão para o horário das 18 horas, escrita por Maria Adelaide Amaral, foram acrescentados outros personagens para atualizar a trama ao contexto do final da década de 1990. De caráter contemporâneo e urbano, a trama tinha como cenário a cidade de São Paulo onde a protagonista Nice (Gloria Pires) buscava ascensão social a qualquer custo. Apesar do discurso classista da trama principal, a telenovela abordou a temática das relações étnico-raciais por meio de novos personagens e histórias que não existiam na versão original.

No caso do relacionamento étnico-racial, a abordagem foi feita a partir do personagem Vivian (Taís Araújo) que também possuía uma discurso de combate ao racismo e defesa dos direitos dos afrodescendentes, atuando como porta-voz de questões como a participação no mercado de trabalho e o acesso às universidades. A ex-menina de rua foi adotada ainda criança por Cida (Léa Garcia) e estudou nos melhores colégio por meio da obtenção de bolsas. Ao ingressar em uma das universidades mais tradicionais de São Paulo conheceu Bruno (Emilio Orciollo Netto), rapaz branco de família rica, com quem iniciou um namoro. Ao longo da novela, a jovem passou a sofrer forte perseguição de Rui (Mauro Mendonça), que não tolerava o relacionamento do filho com uma negra.

O namoro chegou ao fim antes do final da história, pois devido às relações familiares que o casal acabou descobrindo no decorrer da trama, os personagens tornaram-se grandes amigos. Antes, Vivian foi trabalhar nas empresas da família Medeiros, onde conhece um dos seus herdeiros, Ricardo (Leonardo Brício), ambos apaixonam-se e mantêm um relacionamento inter-racial entre uma mulher negra e de origem pobre com um homem branco e abastado, sem qualquer resquício de conflito de classe ou racial, num distanciamento com a realidade brasileira (MOUTINHO, 2004), mas com uma aproximação do discurso de democracia racial e de união harmoniosa entre as raças.

---

<sup>14</sup> A telenovela é uma adaptação da obra original de Cassiano Gabus Mendes exibida originalmente pela Rede Globo em 1976.

Já na década de 2000, quando a discussão das relações étnico-raciais no país ganharam novos contornos como negros e pardos como maioria da população e como maior segmento populacional de uma classe consumidora emergente, que seria denominada posteriormente de “nova classe C” ou “nova classe média”, a Rede Globo produziu uma telenovela para as 19 horas com a primeira protagonista negra deste horário. A trama contemporânea e urbana, *Da Cor do Pecado*, escrita por João Emanuel Carneiro, tinha como cenários principais as cidades de São Luís-MA e Rio de Janeiro e a história principal girava em torno do relacionamento inter-racial vivido pela pobre feirante Preta (Taís Araújo) e o rico Paco (Reynaldo Gianecchini).

Em tom de conto de fadas iniciado no nordeste brasileiro, o casal tinha como antagonista a personagem Bárbara (Giovanna Antonelli) cujos embates com a protagonista colocam em cena a questão do preconceito racial no Brasil. No geral, a trama abordou a falta de ética em um mundo marcado pelo materialismo e a questão racial, tendo mostrado, com transparência, através dos diálogos dos vilões, a forma preconceituosa de se dirigir aos negros. Após a separação do casal protagonista no começo da história e de todo sofrimento de Preta em decorrência da disputa com Bárbara devido ao pleito pelo reconhecimento do filho pela família de Paco, a personagem ainda se envolveu com o advogado negro e de origem pobre Felipe (Rocco Pitanga), mas teve o desfecho ao lado personagem branco com um final em que os conflitos étnico-raciais que permearam toda a trama diluíram-se após o casamento e a chegada de um novo filho, materializando o papel do mestiço no apaziguamento da problemática racial na sociedade. A telenovela marca ainda a presença de uma atriz negra como primeira protagonista de produção contemporânea e urbana, sendo que a mesma artista já havia protagonizado a telenovela *Xica da Silva* (1996), exibida na extinta TV Manchete.

Na segunda metade da década de 2000, a telenovela *Duas Caras*, escrita por Aguinaldo Silva para o horário das 20 horas, tinha como trama principal a história de vingança da protagonista Paula (Marjorie Estiano) contra vilão Marconi Ferrazo/Adalberto Rangel (Dalton Vigh) que, após casar-se com ela por interesse, fugiu com a sua herança e realizou procedimentos cirúrgicos para mudar os traços faciais. A produção urbana e contemporânea tinha uma comunidade periférica como principal cenário, onde vivia o personagem negro Evilásio (Lázaro Ramos), afilhado do líder da localidade.

O conflito étnico-racial apareceu quando Evilásio iniciou relacionamento amoroso com Júlia (Débora Falabella), esta branca e filha do rico advogado Barreto (Stênio Garcia).

Nos diálogos que revelavam o preconceito do advogado, havia sempre a menção ao fato do preterido genro ser negro e pobre, sendo épica a cena em que, durante um jantar com a família da namorada, Evilásio se revolta com as frases preconceituosas dirigidas a ele por Barreto. O clima familiar piorou quando Júlia engravidou e passou a residir na comunidade pobre com o namorado, mas com a chegada do neto mestiço, a aversão ao genro foi amenizada e Barreto perdeu a resistência em ter um negro entre seus familiares, sendo a presença da criança um indicativo de que ela seria a responsável pela aceitação do personagem negro no seio familiar dos brancos.

Ainda no mesmo núcleo da família Barreto, outro relacionamento inter-racial atualizou o histórico contexto sexual “casa grande e senzala”, com a atração que Barretinho (Dudu Azevedo) expressava pela empregada doméstica negra Sabrina (Cris Vianna). O rapaz não insistiu até conseguir uma noite de amor com a trabalhadora negra, ambos acabaram se apaixonando e da relação nasceu outro bebê mestiço.

Além dos dois casais inter-raciais citados da telenovela, outros relacionamentos similares surgiram no último capítulo da trama como forma de indicar um *happy end* dos personagens e, mais que isso, referendar a ideia de mestiçagem como elemento apaziguador dos conflitos étnico-raciais do país. A materialidade dessa perspectiva defendida na narrativa apareceu no casamento coletivo entre os personagens: Solange (Sheron Menezes) e Claudius (Caco Ciocler); Misael (Ivan de Almeida) e Claudine (Thaís de Campos); e Gislaine (Juliana Alves) e Zidane (Guilherme Duarte). Por fim, o jovem casal inter-racial formando no último capítulo era composto pelos universitários Ramona (Marcela Barrozo) e Rudolf Steinzel (Diogo Almeida): ela, branca e de classe média; ele, negro, rico e líder do movimento estudantil na universidade mas que escondia o *status* social para ter legitimidade em suas reivindicações políticas.

Já *Viver a Vida*, telenovela urbana e contemporânea, escrita por Manoel Carlos para o horário das 20 horas, apesar de ter como temática principal a superação, trouxe para o *prime time* da Rede Globo a primeira protagonista negra do principal produto da grade de programação. Apesar das questões ligadas às relações étnico-raciais não comporem o enredo principal da narrativa, a história tinha como protagonista uma personagem negra, Helena (Taís Araújo), cuja contexto fugia das representações corriqueiras das mulheres negras nas telenovelas, visto que esta era uma modelo famosa internacionalmente, emancipada, mas que decidiu abandonar a profissão para contrair matrimônio com o rico empresário branco Marcos (José Mayer). Devido a problemas nos rumos da personagem,

que perdeu o caráter de protagonista ao longo dos meses que a telenovela foi exibida, ocasionado também pela não aceitação do casal principal por parte da audiência, houve o término do relacionamento com Marcos. Posteriormente, Helena passou a se envolver com o filho bastardo do ex-marido, Bruno (Thiago Lacerda) sem saber do grau de parentesco entre eles. Após resolvida a situação de envolvimento amoroso com o filho desconhecido de Marcos, Helena e Bruno tornaram-se um casal cuja felicidade foi complementada com o nascimento do filho mestiço do casal. Este caso de relação inter-racial, apesar da visibilidade que o *prime time* da emissora com maior audiência no Brasil permite não tensionou a problemática étnico-racial da protagonista, mesmo sendo apresentada como a primeira negra entre as personagens principais de uma telenovela das 20 horas da Rede Globo. Neste caso, a ideologia da mestiçagem além de aparecer no final feliz da personagem ao lado de um homem branco, esteve presente na diluição de seu contexto de negritude na condução da narrativa ao longo dos meses de exibição, pois a questão foi abordada em raros diálogos e breves cenas. A Helena negra cujo os dois parceiros na trama foram homens brancos, ao ter sua negritude invisibilizada se aproxima do que Fernandes (2007) já acenava há décadas sobre a presença do negro nos espaços de hegemonia branca: a integração do negro na sociedade brasileira só se efetiva na medida em que ele se descaracterize cultural e socialmente.

### **Considerações finais**

Ao abordamos a discussão sobre como a ideologia da mestiçagem permeia as narrativas ficcionais do produto audiovisual de maior audiência no Brasil, acenamos para a seriedade de uma obra de entretenimento para a constituição da sociedade, mesmo que seja para referendar ideias que articulam um pensamento preconceituoso das classes hegemônicas. As telenovelas aqui discutidas estão numa linha temporal que abrange quase quatro décadas e o contexto da audiência não pode ser considerado como estático, mas reproduz as dinâmicas culturais de cada momento, entretanto, as mudanças na abordagem das relações étnico-raciais não sofreram grandes mudanças em sua essência: a descontextualização da negritude dos personagens para convivência harmoniosa com brancos, sofrendo preconceitos e obtendo um final feliz ao lado de um (a) cônjuge branco, sendo o *happy end* complementado com o nascimento de um filho mestiço imune aos problemas relativos a sua carga genética miscigenada.

Algumas mudanças de abordagem dizem respeito ainda a responder demandas da audiência cujo contexto modifica-se conforme as dinâmicas de tempo e espaço: se em 1982, quando da exibição de *Corpo a Corpo*, o casal formado por uma negra e um branco possuía *status* de coadjuvante na narrativa, em 2010, a versão desse mesmo casal em *Viver a Vida* obteve inicialmente o papel de protagonista, compondo o núcleo principal da trama, mesmo que tenha perdido importância para outros personagens que caíram no predileção dos telespectadores nos meses de exibição do telenovela. Entretanto, no primeiro caso, o conflito étnico-racial era abordado para apresentar como positiva a miscigenação das raças, enquanto que, no segundo exemplo, essa miscigenação “positiva” já era algo efetivado e a abordagem do conflito étnico-racial subvalorizada na trama e na composição do perfil da personagem protagonista, ficando apenas representado pelo seu fenótipo. Além disso, em *Corpo a Corpo*, *Anjo Mau* e *Da Cor do Pecado*, existe uma relação de classe e de gênero imbricada no contexto do relacionamento inter-racial: geralmente o casal é composto por uma mulher negra, de classe popular, em ascensão social que se apaixona por um homem branco rico. Numa atualização do *plot* da gata borralheira, mas que no caso tem um fenótipo negro, diferentemente da versão original. Esta regra é desviada pelos casais Evilásio/Júlia (*Dois Caras*) e Helena/Bruno (*Viver a Vida*), pois, no primeiro caso, o homem era negro e de classe popular, enquanto a parceira pertencia à classe alta branca do Rio de Janeiro; no segundo caso, a personagem tinha vida economicamente estável e emancipada, circulando no mundo dos ricos e brancos da história.

Assim como as telenovelas são a atualização audiovisual da lógica dos folhetins veiculados nos jornais impressos do final do século XIX consumidos por uma classe abastada da sociedade, cujo pensamento em parte referendava as teorias raciais vigentes, verificamos a partir dos exemplos acionados na presente discussão que a manutenção do cerne do pensamento de desvalorização da negritude na formação da identidade nacional. A gravidade da questão deve-se portanto ao fato das telenovelas brasileiras, principalmente, as exibidas no *prime time* da Rede Globo apresentarem entre suas características a abordagem da realidade nacional, evidentemente, um ponto de vista da realidade sob a ótica dos grupos hegemônicos.

A partir da observação das telenovelas mencionadas, verificamos que a representação da questão étnico-racial materializada pelo viés da miscigenação tenta ilustrar a superação de qualquer resquício de preconceito racial no Brasil, ou seja, reproduz ainda o discurso da democracia racial no âmbito midiático, de uma integração harmoniosa das



raças, principalmente, entre brancos e negros, visto que a invisibilidade do indígena é mais latente. Nota-se ainda que a abordagem da mestiçagem não é feita exclusivamente a partir das relações étnico-raciais, visto que, em alguns casos, as questões de classe também são colocadas como problemas nas narrativas desses personagens. No caso do matrimônio, em muitos casos, está ligado à ascensão social do personagem negro, sendo que o fruto dessa relação - o mestiço – na maioria dos casos, ganha como *happy end*, simulando uma sociedade sem preconceitos dessa natureza.

## REFERÊNCIAS

- BENTO, Maria Aparecida S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida S. (Orgs.), **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. – Brasília: Secom, 2014.
- CANCLINI, N. G. **Consumidores y ciudadanos: conflictos multiculturales de la globalización**. Mexico: Grijalbo, 1995.
- DE SOUZA, M. C. J. **Telenovela e Representação Social: Benedito Ruy Barbosa e a representação do popular na telenovela Renascer**. Editora E-papers, 2004.
- FLORESTAN, Fernandes. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo. Global, 2007.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1977.
- GRIJÓ, W. P. Telenovela e subalternidade: A representação das camadas populares nas telenovelas da Rede Globo. **Anais do Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação–SIMPECOM**, v. 4, Santa Maria: UFSM, 2011.
- GRIJÓ, W. P.; MULLER, K. M. Recepção de telenovelas em contexto étnico. **Comunicação & Inovação**, v. 16, n. 31, p. 95-112, 2015.
- GRIJÓ, W. P.; SOUSA, A. H. F. O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações. **Estudos em Comunicação**, n. 11, p. 185-204, 2012.
- HAMBURGER, E. **O Brasil antenado: a sociedade da novela**. Zahar, 2005.
- KELLNER, D. **A cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001.
- LOPES, M. I. V. de. Telenovela como recurso comunicativo. **Matrizes**, v. 3, n. 1, 2010.
- LOPES, M. I. V. et al. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade**. São Paulo: Summus, 2002.
- LOPES, M. I. V. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, (26): p. 17-34, jan-abril, 2003.
- MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003
- MARTIN-BARBERO, J. **Ofício de Cartógrafo**. Travesías latinoamericanas de La comunicación em la cultura. México/Santiago: Fondo de Cultura Económica, 2004.
- MOUTINHO, Laura. **Razão, "cor" e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivos-sexuais "inter-raciais" no Brasil e na África do Sul**. São Paulo, Editora da Unesp, 2004.
- ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- ORTIZ, R.; BORELLI, S. H. S.; RAMOS, J. M. O. **Telenovela: História e reprodução**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SCHWARCZ, L. K. M. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: SCHWARCZ, L. M. (org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SEYFERTH, Giralda. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. **Anuário Antropológico**, 93, 175-203, 1993.
- THOMPSON, J. A nova visibilidade. **Matrizes**, Vol. 1, Nº 2, 2008.